

A COLÓNIA GOESA EM LISBOA E O IDEÁRIO DA CONSPIRAÇÃO DOS PINTOS (1787)

por
MARIA DE JESUS MÁRTIRES LOPES *

Em finais de Setecentos, os contactos entre Portugal e a Índia ultrapassaram em muito os aspectos meramente económicos, traduzindo-se, também, num relacionamento familiar que importa não olvidar. É que, para além da correspondência oficial e privada, dos livros e mercadorias trocadas, existia em Lisboa uma colónia de goeses formada por pessoas com um certo grau de cultura e responsabilidades cívicas.

Esta circunstância poderá ter contribuído para reforçar a adesão dos goeses aos padrões das *luzes*. Perscrutar o perfil de alguns destes homens e reflectir sobre as suas ideias fundamentais, a fim de se ajuizar sobre a sua responsabilidade na preparação ideológica da Conspiração dos Pintos — é o que se pretende com estas notas.

A existência de alguma correspondência destes goeses com os seus conterrâneos na terra natal permite-nos captar os princípios básicos por eles defendidos. Antes de mais, é de salientar o sentimento nacionalista que se manifesta num grande amor à terra e na expectativa pelo regresso à mesma. Este aspecto está, também, subjacente na reflexão por eles desenvolvida sobre alguns problemas prementes tais como o fraco aproveitamento da área cultivável e o progresso quase inexistente¹.

* Centro de Estudos Africanos e Asiáticos (I.I.C.T.).

¹ Carta de José António, da família dos Pintos de Candolim, de 15 de Março de 1787, em anexo (A.H.U., *Índia*, maço 155 (153)).

Convictos de que é necessário modificar esta situação «ponderam sobre os caminhos da sua futura felicidade»; consideram-se, pois, em condições propícias para serem os seus obreiros, até por viverem em Lisboa e poderem, desse modo, reflectir sobre a especificidade dos problemas de Goa. «Ningem pode pensar melhor do que nos porque sabemos o que hé Goa, e o que he Europa», observa José António. Na sua perspectiva, não se tratava, pois, de mero entusiasmo, mas de profundo conhecimento dos assuntos de Goa².

Para a consecução destes objectivos, alguns goeses decidem regressar à «infeliz Pátria» na monção de 1787 e a esta meta condicionam toda a sua actividade em Lisboa³. Oferecem, pois, os seus préstimos para a realização deste projecto em Goa e disponibilizam, totalmente, a sua vontade para viabilizar os planos do Padre José António Gonçalves, o «leader» da Conspiração dos Pintos, à data já em Goa⁴. Assim, Joaquim António afirma na sua missiva ao dito padre: «Pode ja supor ou considerar feito o que se ha de fazer depois

² *Ibidem*. Em Outubro de 1787, o Secretário do Estado da Índia, Sebastião José Ferreira Barroco escrevendo a Martinho de Melo e Castro afirma que os Pintos de Candolim «são tidos aqui por huns dos Naturaes mais suberbos, e mais opostos a tudo que chamão Portuguezes» (A.H.U., *Índia*, maço 155 (153)).

³ Carta acima referida e a de Joaquim António para o Padre António Gonçalves, de 20 de Setembro de 1787, em anexo (A.H.U., *Índia*, maço 155 (153)). O autor cometeu um erro ao datar a carta, pois ela é de 1786 e não de 1787. Cf. carta de S. J. Ferreira Barroco para M. M. Castro, de Outubro de 1787, acima cit. (A.H.U., *Índia*, maço 155 (153)).

⁴ Filho de Domingos Gonçalves e de Maria de Sá, o Padre José António Gonçalves (1748-1818) era natural da Piedade, da ilha de Divar; formou-se no seminário de Chorão com distinção e ordenou-se no ano de 1772, com a idade de 25 anos. Candidatou-se em 1770 para as cadeiras régias de retórica e filosofia criadas na Cidade de Goa. Examinado publicamente, respondeu com satisfação. No ano de 1780 desempenhou funções de professor destas cadeiras no seminário de Chorão. Em 1781 partiu para Portugal e no ano seguinte doutorou-se em Roma. Regressou para Goa, juntamente com o Padre Caetano Francisco do Couto em Maio de 1786. Cf. *Licença para o Padre José António Gonçalves poder ensinar retórica e filosofia em qualquer das provincias e Ilhas* (A.N.T.T., *Junta da Real Fazenda do Estado da Índia*, L.º 66, fl. 84v; carta de Sebastião J. F. Barroco para Martinho de M. Castro, de Outubro de 1787, já cit. (A.H.U., *Índia*, maço 155 (153)); Mariano Dias, «Fr. Caetano Vitorino de Faria», in *Essays in Goan History*, N. Delhi, 1989, p. 150; Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *A Conjuração de 1787 em Goa e varias cousas desse Tempo. Memoria Historica*, Nova Goa, 1875, reed. de Asian Educational Services, N. Delhi, Madras, 1990, pp. 13, 54-55.

de eu la estar, parece-me que me tenho explicado»⁵. Pensamos poder-se vislumbrar nesta passagem uma alusão velada à Conjuração⁶.

É de ressaltar a íntima amizade e profunda admiração, quase diríamos, veneração, pelo Padre José António Gonçalves, a quem escrevem com frequência e enviam encomendas. O afecto que por ele nutrem, leva-os a interessarem-se pela sua saúde e a preocuparem-se com a falta de notícias sobre o seu regresso para Goa. Reputam-no de homem culto, experiente, bom cristão e honradíssimo cidadão devendo, por isso, ser escutado «como oráculo»⁷.

Esta amizade e consideração também se estendia ao Padre Caetano Francisco Couto, outro mentor da intentona. Todavia, o Padre José António Gonçalves ocupa um lugar especial na vida destes naturais de Goa⁸.

Tanto quanto estes goeses acreditam nas suas capacidades para transformar a sua terra, tanto mais críticos se revelam quanto à política portuguesa e à condução dos assuntos públicos. Joaquim António, relatando ao Padre José Gonçalves as suas diligências após a conclusão do curso da marinha, atribui ao seu mestre e lente Bruneli, a seguinte

⁵ Carta de Joaquim António para o Padre José António Gonçalves, já cit. (A.H.U., Índia, maço 155 (153)).

⁶ Em 5 de Agosto de 1787, o escrivão da comunidade de Aldoná, António Eugénio Toscano, denunciou ao governador o projecto de uma conspiração urdida por clérigos a fim de expulsarem os portugueses e de se organizarem em governo independente. Sobre esta conjura e suas motivações, veja-se o nosso estudo, *Goa na Segunda Metade de Setecentos: Esboço de um Ensaio Sócio-Cultural* (policopiado), Lisboa, 1993, pp. 517-544.

⁷ Carta de José António de 15 de Março de 1787 já cit. (A.H.U., Índia, maço 155 (153)). Os mesmo sentimentos estão patentes nas missivas de Joaquim António acima citada e de Eloy José Correia Peixoto, de 15 de Setembro de 1786 e de 20 de Março de 1787. Muito possivelmente este último prestou serviço na Índia; em sua casa, em Lisboa, viveram Joaquim António, José António. Cf. carta de S. J. Ferreira Barroco para M. M. Castro, de Outubro de 1787, já cit. (A.H.U., Índia, maço 155 (153)).

⁸ Carta de Joaquim António, já cit. (A.H.U., Índia, maço 155 (153)). O Padre Caetano Francisco Couto era natural de Pangim. Frequentou os estudos menores e os maiores até à teologia, no seminário de Chorão. Aluno distinto, foi convidado pelo arcebispo D. António Taveira da Neiva Brum da Silveira para seu «doméstico» e secretário das visitas, donde passou a vigário da vara de Onor no Canará. Pelos bons serviços prestados, foi promovido pelo antístite D. Francisco de Assunção e Brito a governador do bispado de Cochim. Veja-se J. H. Cunha Rivara, *ob. cit.*, pp. 42 e ss.

observação: «Pobre Paiz, em que nada se faz pelos merecimentos, sim tudo empenhos»⁹. Daí, também o descrédito pelas patentes militares, confiadas a indivíduos sem préstimos e, bastas vezes, degredados. Recorde-se, pois, que pessoas tidas por perigosas no Reino eram enviadas para a Índia e aqui chegaram, por vezes, a ocupar cargos de destaque¹⁰. Manifestam o seu total desprezo por estas honras e contestam a atribuição das patentes superiores exclusivamente aos reinóis¹¹. E vão mais longe, chegando mesmo a conjecturar sobre a conveniência de se porem ao serviço do nababo Tipu Sultão¹².

Em contrapartida, o arranjo da terra é tido como ocupação honrosa e incita-se à lavoura dos terrenos ainda não aproveitados, como os de Pondá, a fim de alargar a superfície cultivada¹³.

A valorização do trabalho pessoal e da instrução é um aspecto a ressaltar na ideologia destes homens. Referindo-se aos estudos de um familiar, José António aconselha a aprendizagem do francês e o ingresso no seminário diocesano de Rachol, um dos principais estabelecimentos de ensino em Goa, pois que «não se perca o bello tempo dos meninos»¹⁴. Joaquim António distinguiu-se nos estudos da marinha em Lisboa, chegando a ser considerado um dos melhores finalistas nesta Academia¹⁵.

Os contactos destes e de outros goeses com a Itália, são por eles propugnados. Preconiza-se a formação de uma associação de goeses que permita o envio de encomendas para Livorno e ligações rápidas com aquele país, «pois nos hé sumamente ventajozo ter a direita correspondencia para a Italia»¹⁶.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Na opinião do conde da Ega o elevado número de deserções ficava a dever-se ao facto de os socorros para a Índia serem constituídos de fascínoras. Cf. carta do conde da Ega para o Secretário de Estado, de 8 de Janeiro de 1762 (A.H.U., *Índia*, cód. 441, fl. 345 v).

¹¹ Carta de José António, em anexo.

¹² Carta de Joaquim António, também em anexo.

¹³ Carta de José António, acima cit.

¹⁴ Carta de José António, em anexo. Os outros seminários em funcionamento nesta época eram os de Chorão e de Bom Jesus, este último extinto em 1795.

¹⁵ Carta de José António, acima cit.

¹⁶ Carta de José António, em anexo.

Estas missivas noticiam, ainda, alguns acontecimentos da Corte, tais como a morte de D. José, as nomeações para alguns cargos de destaque para o Brasil, a deslocação da corte para a Figueira e para as Caldas, a situação privilegiada do marquês de Pombal, do marquês de Angeja, do Inquiridor Geral e do bispo de Beja... Alterações climáticas, carência de mantimentos, problemas sanitários são, também, aqui referidos¹⁷.

Os contactos comerciais entre Goa e Macau são esporadicamente aludidos. E, o pedido da remessa de sementes da Índia, como por exemplo, as de cardamomo, documenta o intercâmbio de plantas entre o Reino e o Ultramar, bastante divulgado na época¹⁸.

Este episódio revela as conexões político-ideológicas dos seus autores e da colónia goesa com o movimento cultural das *luzes*. Estavam afectos aos ventos de liberdade que sopravam na Europa e na América. Nesta época, uma pléiade de goeses visitou a Itália, grande centro de difusão das ideias, e ali adquiriu formação intelectual e cultural¹⁹.

Estes contactos com a Itália não eram, aliás, novos. Relembre-se que os primeiros bispos goeses foram sagrados pela *Propaganda Fide*, como é o caso de Mateus de Castro em 1637. Esse aspecto poderá ajudar a explicar uma certa hostilidade do Padre José António Gonçalves em relação ao *Padroado Português do Oriente*²⁰.

A valorização da agricultura atesta a sua idiossincrasia com os princípios fisiocratas da riqueza, da terra e do seu aproveitamento.

É bem conhecida a importância atribuída ao ensino e à ilustração em Setecentos. Pretendia-se combater o obscurantismo pelas *luzes* do saber. Este princípio fez parte integrante do ideário destes goeses, bem

¹⁷ Carta de Joaquim António, acima cit.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Contam-se vários goeses que estiveram na Itália tais como o Padre Caetano Vitorino de Faria, seu filho José Custódio Faria (o célebre abade Faria), Padre José António Gonçalves, Padre Caetano Francisco Couto.

²⁰ A carta de 18 de Fevereiro de 1789 faz referência a uma pastoral do Padre José António Gonçalves pretendendo usurpar os direitos do *Padroado* (A.H.G., *Monções do Reino*, L.º 170-A, fls. 77-78).

como demonstra o seu interesse pela educação das crianças nos meios académicos mais prestigiados.

O papel desempenhado pelos oratorianos, de modo geral, no ensino e na divulgação das ideias liberais, é um dado adquirido. E o facto deste epistolário ter sido enviado para Goa através dos oratorianos indianos explica-se, possivelmente, pelo espírito de abertura destes eclesiásticos²¹. Mas, esta circunstância comprova, acima de tudo, a adesão dos goeses às novas ideias.

²¹ «A esta companhia as respectivas, que todas remeto pela Congregação do Oratório a merce do Reverendissimo Senhor Padre Mestre Diogo de Sá». Cf. carta de Joaquim António, acima cit.

DOCUMENTOS

I

Copia

Meu querido Mano. Tenho escrito ao nosso Pai huma bem extença, aonde lhe dou a conta de mim. O mais comunicará a Vossa merce e o Reverendo Doutor, e Senhor Gonsalves, a quem devem ouvir como oraculo, porque alem de ser bem instruido com a propria expriencia, tem tido a occazião de exercitar todas as virtudes que o caracterizão bom Christão, e honradissimo Cidadão.

Incluo duas Cartas para dous Missionarios Italianos, que lá se achão, pedindo a Vossa merce lhas entregue em proprias maons, e huma para José Guinetty rapaz Italiano, que para lá foi em Companhia do Excelentissimo Arcebispo de Granganor o Senhor Cariatty. Do contheudo de huma, que escrevi a Vossa merce de Roma, recomendando-lhe esse rapaz, pode vir no conhecimento de grande utilidade, que nos pode cauzar o exercicio da Agricultura. Agora renovo os mesmos Sentimentos, e peço por todos os patricios, que cá se achão não despreze os meus rogos. Em Pondá há largo campo para á cultivação. Nas nossas fazendas mesmas ainda se pode introduzir muito Café, muita mandioca, e muita pimenta. Eu fico pasmado quando considero a total superficie das nossas fazendas, e a comparo com a cultivada: Estes são os melhores cargos, que nos podemos ter. Com effeito me diga: Porventura fica mais honrado por exemplo nosso Mano Manoel Caetano em Capitão do que em Tenente. Pobres Pintos de Candolim se os seus filhos se enobreçem com huma patente de Capitão de Infantaria. Patentes Superiores não esperemos destes, e desses que cá, e lá nos governão com mesmas máximas, e mesmo espirito. Pois para que cansarmos pondo nos debaixo dos pes de quatro degredados para conseguirmos a sua vil protecção. Eu tenho respondido a hum sogeito, que aqui me quiz pôr a Cruz de Christo aos peitos não querer singularmente tal honra. Porventura sou alguma couza mais do que tantos nossos Patricios? Ignoramos a Religião para não aborreçermos o espirito do partido. Não conhecemos, que ainda que absolutamente pouco ricos, respectivamente podemos conservar apezar de tudo a força das Leis, que nos autorizão o nosso decoro, Voltemos ao trabalho pessoal, e a instrucção seria, pois são fontes de vivermos honradamente.

Escrevo ao nosso Thio Padre sobre huma especie de associação, que o Padre Mestre e Senhor Frei Custodio quer, e acha bem feito haja nos nossos

para enviar alguma remessa para Livorno, dirigida ao Senhor Luis Martins em sua auzencia ao Senhor Conde Marcará Cheriman, e filhos em Navio Toscano, que vá para Goa, pois nos hé sumamente ventajozo ter á direita correspondencia para á Italia, e devemos semear para colhermos. Reflecta, que o sobredito Senhor Padre Mestre, junto com pessoas serias tem bem ponderado, quaes são os Caminhos para a futura felicidade de Goa para vossas merces não nos chamarem entusiastas, antes conheção, que ninguem pode pençar melhor do que nos, porque sabemos o que hé Goa, e o que he Europa.

Vossa merçe aceite as Saudozas lembranças do amigo Joaquim Vaz de Chorão, o qual nesta Cidade tem dado provas de incomparavel engenho. Elle tem escrito a Vossa merçe, que escuze de responder por esperarmos hir para á Caza em breve. Minhas Saudades amozissimas as nossas Irmans Anastazia, Humiliana, e Joaquina com as pequenas, aos Manos Manoel Caetano, Joaquim de quem dezejará ouvir, que se acha em Macau, ou noutro Porto para negociar, e aos pequenos Francisco Caetano, e Luis Miguel, aos quaes se puder ser, depois de ter ensinado Francez por si, meta no Colegio de Rachol; Eu supponho que Vossa merçe me responderá não haver = Cum quibus = remedei-se com o que puder, porem não se perca o bello tempo dos meninos. Em fim Vossa merçe deve mostrar agora a sua agilidade. O nosso Pai está cansado ajude-o, emquanto eu não vá, pois espero no Senhor fazer alguma couza. Não se desanime, por estarem as nossas couzas embaraçadas, porque ellas se desembaraçarão.

A Deos meu amado Mano, ingrato por que deixou de escrever-me este anno. Deos o guarde muitos annos. Lisboa quinze de Março de mil setecentos oitenta e sette // De Vossa merce Mano obrigado, e obediente Joze Antonio.

Sobre escrito da carta atraz

Ao Muito Reverendo Senhor João Bautista Pinto. Guarde Deos muitos annos. Goa.

(A.H.U., *India*, maço 155 (153))

II

Outra

Meu rico Doutor e Reverendissimo Senhor Jozé Antonio Gonsalves. Meu amantissimo Mestre e amantissimo Pai, e estuziozissimo Senhor da minha maior veneração, e respeito. Do coração sinto a noticia que troze huma curveta, que partindo de Goa em dezesseis de Fevereiro de oitenta e seis com sinco mezes, e meio de viagem chegou a esta Corte, de que até esse tempo não tinha

ainda chegado esse miseravel trabaco do Mesquita a essa Cidade. O cuidado, e aflicção, em que me deixaria Vossa merçe o deverá concluir do affecto, mesmo, que vossa merçe me tem, porque do meu ainda vossa merçe nada sabe; pois á demonstração só ahi tem chegado. Ja meu querido Doutor me ocorre, que se arribaria ás Mauricias, ja ás Ilhas de S. Lourenço, ja finalmente, que se abriria no meio do mar, pensamentos propios de affecto, e como taes não os descobri, se não os descobri, se não antes disse, que era ronceria do navio para não motivar nos outros do que em mim experimentava. Vendo porem, que o remedio verdadeiro era unicamente conformar-me com a vontade Divina, a ella fico rogando pelo com sucesso, e consolando me com a firme esperança, que o Altissimo me tem influido, de que com efeito hade chegar a Nau a essa nossa infeliz Patria com os nossos interessados. Não sei quantas são as que lhe tenho escrito, sei sim, que não tenho faltado a occasião alguma; as ultimas forão pelo cadete Ecudeiro, que foi da Senhora Dona Roza, o qual leva huma via, e algumas Cartas, e vai despachado Tenente para Mossambique, ainda que ate à sua partida sempre disse, que o era para Goa. Eu graças ao Senhor tenho passado de saude, mas agora me vejo cercado, não sei se diga de infelicidades, seja o que for me satisfaço, que se dirija ao bem da minha alma e Caza, protesto, que fiz logo sube o infra a Nossa Senhora. Sendo como forão repetidas as instancias do Doutor Bruneli, a que fosse falar ao Senhor Martinho de Mello, e não se satisfazendo com igual numero de escuzas, e dificuldades, que lhe propuz, fui por fim obrigado enganalo, de que o tinha feito ja, e que do modo de Sua Excellencia tinha eu concluido o quazi nenhum empenho, que elle mostrava no meu despacho, com cuja noticia todo affecto concludio dizendo = Pobre Paiz, em que nada se faz pelos merecimentos, Sim tudo empenhos, se eu tivesse occasião como antigamente todos os dias de falar com Sua Excellencia, eu lhe exporia o raro talento de Vossa Merce e igual capacidade = consolando-me com esta noticia assentei firmemente, que não haveria a este respeito mais passo algum, mas enganei-me de meio, a meio, ex ahi o que depois se tem passado. Teve o dito meu amante Lente occasião de executar o seu dezejo a meu respeito com Sua Excellencia (o como elle o faria Vossa merçe destes termos concluire) e ao mesmo tempo eu avizo para falar ao mesmo Senhor em huma Sexta feira como bom receio, e medo, mas sempre constante na vontade do Senhor, fui, e as perguntas, e respostas, que passarão entre mim, e Sua Excellencia, depois de lhe fazer o devido obzequio, forão as seguintes. P. Vossa merçe hé de Goa. R. Sim Excelentissimo Senhor. P. Veyo a estudar Mathematica. R. Não Excelentissimo Senhor, sim com o animo de me applicar a Jurisprudencia, mas como pelo caminho vim gostando dos instrumentos marinos, e por outra parte me segurarão, que na Marinha seria contemplado nos premios, se me distinguisse, proprio remedio á minha pobreza, fiquei obrigado a este partido: tal dito, tal feito, Excellentissimo Senhor, fui ao Collegio, e tudo me sahio certo. P. Ja fez alguma viagem depois dos estudos. R. não Excellentissimo Senhor. P. está bem, traga-me os seus papeis, venha isso. R. bejo a mão a Vossa Excellencia. Etc.

Eu tinha a atestação do Doutor Faria, cuja Cópia remeti a Vossa mercê; mas como Sua Magestade manda dar aos Engenheiros huns liuros, que o Senhor Rei Dom João quinto mandou imprimir, eu para os ter como ja os tenho e apensei ao requerimento que fiz á Junta dos tres Estados, na certeza de que ma tomarião quando para isso bastava ou a copia em forma publica, ou a certidão da matricula como porem não pertendi servir-me jamais della, nem cazo fiz, de que ficasse, e como o dito Doutor Faria se recolheu ao Porto, e com a vinda do Doutor Franzino não pude ter outra, visto depender delle só.

Só com as duas huma do Doutor Ciera (que foi semelhante a Doutor Faria) e a outra do Doutor Brunely, nelles que foi a melhor, que podia ser, e elle segura, que me posso desvanecer, de que hé a unica deste theor em todo o tempo da sua Cadeira em Lisboa; em summa vinha a atestação dizer o que se segue = Depois admeti Vossa Merce estudou com o maior empenho, e desvello, e intelligencia com hum singular procedimento, e conforme aos Reaes Estatutos, e deu tão evidentes provas do seu raro engenho, e das Siencias Mathematicas, e noticia, que della tem adquerido, que poucos haverá de todos, que têm acabado o curso nesta Academia, que o possão igualar.

Fui com estas duas atestaçoens só, e a minha carta de Pilotagem á Sua Excellencia, e lhe disse. Excellentissimo Senhor o Substituto do Doutor Franzini, se não acha nesta Corte, e como dos papeis, que trago pode V^a Ex^a formar o meu conceito, dezejava me dispençasse de me expor ás dificuldades de mandar buscar a terceira no Porto = P. Não está cá o Franzini. R. está, mas eu não fui Seu discipulo, Sim do Seu substituto, que se não acha cá. P. está bom vá vossa mercê falar ao Doutor Franzini, a quem ja falei em vossa mercê, e lhe diga, que eu o mando. Etc.

Fui ao Doutor Franzini, e depois de conversar-mos na nossa faculdade, me anunciou os liuros, que devia comprar da navegação, e Cartas Hydrograficas, e que sendo do agrado de Sua Excellencia despachar-me para a India, queria, que eu fizesse alguma viagem por cá: Eu lhe segurei, que a faria de maneira, que eu possa para a monção de oitenta e sete recolher-me para á Caza, porque não tinha nesta Cidade meios de Subsistencia por cá, ao que respondeo, que a viagem não sabia para onde seria, e quanto da subsistencia, não tivesse eu o menor cuidado, em o que tudo pensaria Sua Excellencia, fazendo me perceber alguma e que eu fosse falar ao mesmo Senhor, que me daria reposta conveniente: Fui ao Senhor Martinho, e lhe disse, que já tinha falado, que me respondeo = está bom deixe-se estar = Todos estes passos contei ao Doutor Brunely, que me disse, que em nada contradicesse a Sua Excellencia, para o que me contou dous procedimentos do Senhor Marquez, com dous Estudantes, e são os seguintes, que a hum mandou Suspende o partido, e a outro moveo em Sargento, e obrigou a acceitar, ja que por boas ó não queria, quanto mais diz elle, este Melro.

Pouco dias depois que sube pelo criado do Doutor Ciera, que o Doutor Franzini se tinha hido informar de mim com elle, sendo certo, que ó não fez como Doutor Brunely, parto eu á Ciera, e o não acho em Caza, repito dahi huns dias e lhe digo o seguinte = Ja tive a honra de procurar a Vossa Senhoria

a participalo, de que tinha sido chamado a falar a Sua Excellencia, e do que tenho passado com elle etc o supra = Respondeo o seguinte = Já o Doutor Franzini falar nisto, e informar-se a respeito de Vossa Merce; e eu lhe disse o que entendia; por quanto me parece lhe dará Patente de Tenente, sem fazer viagem antecedente, em que não devera consentir, certificando, que ha exemplos.

Sua Excellencia foi a seis deste a Figueira, e dalli as Caldas, a onde estão os Senhores Reaes etc. Vossa merce concluirei daqui, o que rezultará, eu não sei dizer-lhe: Eu ja disse ao doutor Brunely, que me era preciso sem falencia hir para a monção de oitenta e sete para á Caza nos termos, que me achasse, com insinuação ficou elle de persuadir ao Doutor Franzini para esse o fazer ao Senhor Martinho de Mello o empenho, com que me tenho mostrado de hir para minha Caza, deo lugar para me perguntar se eu tinha dado palaura de casamento alguma Senhora dessa Cidade: Deve-se advertir, que Bruneli, e Franzini ja estão amigos.

Todos estes passos me tem dado bem cuidado, por se não conformarem o Sistema que tenho estabelecido de minha vida, e consultando por isto algum dos nossos amigos como o são Jalama, Brandão, Manoel Rodrigues, etc — propondo-lhes se repugnaria á acceitação de qualquer couza, que Sua Excellencia me offercesse a vista da maior conveniencia, que teria no Serviço de Tipu etc todos a huma me responderão = Deve sem a menor repugnancia hir com Sua Excellencia, porque depois de lá estar pode fazer, o que lhe parecer, alias expoem-se a ter alguma couza, que não seja do seu gosto, e aquelle Senhor não he para graças = Não sei que diga, deixo em fim tudo na providencia Divina, que sabe escolher melhor.

Os nossos Romanos, creio Sahirão de lá hum dia destes segundo o seu avizo, até aqui se achavão de saude. O nosso Capitão ainda na mesma figura a sua escrita (que consta de copias de todos os papeis, e sincoenta mil petições, tudo formado no ar, e no seu grande juizo) me tem matado: A falta de criado nesta caza reunida ao meu genio, tem tambem concorrido para este fim finalmente não sei, em que tenho gasto estas ferias com alguns muitos, antes vingão se em dizer, que já se me accabou a obrigação de estudo.

Todos da Caza cujo estado sem novidade passão de saude: a Senhora quazi boa da Cara, a condução de cujos remedios, me tem custado, ainda que a despeza delles he bem tenue, passo as novidades da Corte.

EL REI nosso Senhor faleceu em vinte e quatro de Junho. O Excellentissimo Dom Bernardo Irmão do Excellentissimo Dom Braz vai para S. Paulo: o Excelentissimo Bis-Conde sobrinho da Excellentissima Senhora Dona Roza para ás Minas geraes, seu Ajudante de Ordens António Xavier: O Excellentissimo Dom Thomas de Mello para Pernabuco: o Irmão de Francisco de Paula Leite para Maranhão: o Provincial Val-dos Reis Patriarcha Nuncio já rendido: o Excellentissimo Aires de Sá falecido, O Conde de Oeiras, Marquez de Pombal, com todas as honras de Sua Caza de jure, e herdade. O Anjeja, o he ja de herdade: o Excellentissimo Arcebispo Confessor, Inquizidor Geral, dizem que lhe virá Barrete de Cardeal, assim como tambem ao Excelentissimo Bispo de Beja.

Os Benedictinos com medo: o Rol ja se não admite, e como prezumo virão abaixo: Anjeja, ja disse ao meu Companheiro, que Sua Magestade não estava para fazer tanta despeza, etc. Elle quando soube, que o Doutor Brunely tinha informado bem a meu favor ao Senhor Martinho de Mello, assentou, que o tinha cravado, porque o Senhor Anjeja lhe disse claramente na salla (segundo elle mesmo me disse) que não sabia nada etc elles eu sei com certeza que o Doutor Brunely não abrio a boca a seu respeito com o Senhor Mello: com outro não sei, se lhe perguntasse, estou certo, que lhe havia a verdade.

O nosso amigo Brandão ja se retira para Bahia com meia prenda, nesta Corte este anno houve quazi nenhum verão, e por consequencia fruta, vinho, mantimento etc. pela mesma forma: Muita doença, vem a ser ceção febre podre etc. os Impressores ja despedidos, dando por ja cumprido o ajuste: com a morte de EL REI Nosso Senhor, a Rainha Nossa Senhora offereceo ao Padre Mestre Maine a assistencia Sua no Paço assim como dantes.

Esta noticia confortou ao nosso Pater familias, que com a morte do mesmo Senhor não sabia aonde se havia meter pensamento, que elle descobrio ao Doutor Brandão, o Padre Mestre Maine ja não está no Paço, mas nem por isso ao Pater familias tem acontecido couza alguma. Deos o ajude: Eu sou com elle o mesmo, que fui depois de Vossa merce.

A nossa Paschoa, assim como tambem todos os nossos amigos se achão de saude, e o saudão. Ella se acha ainda com Pedro José: Quanto menos tempo me falta para o ver, tanto mais se me figura: Eu heide nos termos ja ditos fazer toda a possivel diligencia para effeito de me dezembaraçar desta Corte, ou melhor sahir della para o Março de oitenta e sete, em tanto peço a vossa merce me lance a Sua benção, a quem dou mil abraços, e todo banhado em lagrimas lhe bejo a mão.

Eu no meu dizer, e fazer sou constante, por isso lhe ratifico (sem necessidade) a disposição da minha vontade a excepção de couza nenhuma, de maneira, que pode ja supor, ou considerar feito o que se hade fazer depois de eu lá estar, parece-me que me tenho explicado.

P.S.

Saudades a todos, que vossa merce entender. Por evitar volumes não faço separada ao Reverendissimo Senhor Couto, que devera considerar esta como Sua, pela união, que considero entre nos tres etc. A esta acompanhão as respectivas, que todas remeto pela Congregação do Oratorio a merce do Reverendissimo Senhor Padre Mestre Diogo de Sá.

A Heitor Philozofa de Raynad, ja tenho, custou-me 16000 reis. Ao Excelentissimo Senhor Cranganor meus humildes respeitos, e tanto a este, como as Senhor P. Thomas humas vivas saudades as quaes dezejo na Sua Patria. Deos lhe dee muita saude, felicidade e o guarde muitos anos para minha consolação. Lisboa vinte de Setembro de mil Setecentos oitenta e Sete. De vossa merce. Filho, discipulo e ouvelha obediente, e venerador Criado // Joaquim.

(A.H.U., Índia, maço 155 (153))